

A INTERSECCIONALIDADE NA NARRATIVA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Eliani de Lima Villas Gomes*
Nícea Helena de Almeida Nogueira**

RESUMO: O objetivo desse trabalho é o de refletir a obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus sob o enfoque da interseccionalidade de raça e gênero como articuladores de empoderamento e subjetivação da protagonista. Analisar sob o prisma interseccional, esses marcadores também como categorias. Buscando a apropriação e a instrumentalização da escrita feminista da mulher negra brasileira, despertando no leitor, interesse e aprofundamento investigativo do tema. A autora é protagonista de suas experiências, oportunizando sua subjetivação no seu contexto das relações sociais, a começar dos processos constantes de restauração de sua construção identitária de raça e gênero.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Interseccionalidade. Raça. Gênero. Subjetivação.

O Mundo é a aparência – mas *não somos* única e exclusivamente a causa de seu aparecer. Ele também é irreal a partir de um outro lado (NIETZSCHE, 2007).

Introdução

Na busca de aprofundar meus estudos e apropriar-me do vocabulário e da luta pela condição de intolerância da mulher negra, ainda na contemporaneidade, no presente artigo proponho um estudo interseccional sobre as múltiplas formas de opressão dessa mulher. A partir da análise da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, da autora Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, catadora de papel e reciclados na periferia de São Paulo no final da década de 1950. Que alcançou 100 mil exemplares de consecutivas edições, a partir do ano de 1960, uma raridade para a época.

Nossa intenção é provocar e instrumentalizar o leitor de informação em relação a tomada de consciência sobre temas que passam despercebidos e ou desconhecidos por muitos de nós, sobra a condição de vida de grande número de mulheres como Carolina Maria de Jesus. Que se descreve como mulher negra, mãe solteira, lutando dia após dia para sobreviver na fome e na miséria enquanto ‘moradora’ de uma favela na grande São Paulo. Vale ainda ressaltar que sua obra descreve sua verdadeira condição de vida real em busca de empoderamento.

O local em que se passou a saga da autora, cujo endereço era na obscura rua A, barraco nº 9, favela do Canindé, beirando o rio Tietê, já não mais existe. Um local de caos e perturbação que hoje deu espaço a uma grande e larga avenida conhecida como Avenida Marginal, ou também Marginal do Tietê, pois fica paralela ao rio. *Quarto de despejo* é uma obra que pode nos transmitir tristeza pela narrativa de um tempo passado, mas também a constatação do quanto ainda temos de lancinante atualidade.

* Doutoranda em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Máster Universitario en Investigación Social Aplicada al Medio Ambiente na Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, Espanha. Atuou como Diretora Educacional na Superintendência Regional de Ensino de Juiz de Fora, MG. E-mails: eliani.villas@estudante.ufjf.br e elvgomes@uol.com.br.

** Professora Associada da Faculdade de Letras da UFJF. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura pela UNESP - São José do Rio Preto, SP. Pós-doutora em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ. Pós-doutora em Literaturas de Língua Inglesa no PPG Letras da UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa "Travessias e Feminismo(s): estudos identitários de autoria feminina" e pesquisadora do Grupo "KEW - Kyklos de Estudos Woolfianos". E-mail: nicea.nogueira@ufjf.br.

Carolina Maria de Jesus nos apresenta uma escrita simples de mulher que somente aprendeu a ler e escrever no interior de Minas Gerais, onde frequentou a escola por dois anos apenas, mas despertou grande interesse pela leitura. Na obra de nosso estudo, foi respeitado com fidelidade a linguagem escrita da autora, que diverge quanto a grafia, a acentuação das palavras e a gramática atual. Em nota inicial, os editores explicam que “[...] por isto mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo.” (JESUS, 2016, p. 5)

A conjuntura de sua obra publicada em 1960, despertou interesse por parte de inúmeros estudiosos de variadas partes do mundo, sendo traduzida para mais de 13 idiomas em mais de 40 países. Carolina deu voz a uma mulher negra que trazia a descrição do sofrimento nas contradições sociais do Brasil da famosa época do presidente Juscelino Kubitschek – a era JK.

Observamos descrições de uma mulher que sabe pontuar as necessidades de um povo, deixando claro quem são os responsáveis por apresentar propostas de solução – os políticos, ao escrever: “[...] O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la [...]” (JESUS, 2016, p. 31), escreve ainda que os políticos só apareciam na favela na época de eleição. Tinha um certo senhor vereador que aparecia para visitar suas casas, tomando café em suas xícaras, mas que após ser eleito deputado, “[...] não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.” (JESUS 2016, p. 34).

Ao ter que se apresentar na delegacia para falar com o tenente sobre uma intimação recebida acerca do mau comportamento de seu filho mais velho, Carolina tece o seguinte comentário sobre aquela situação:

O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei, se ele sabe disto porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Hubischek e o Dr Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.
... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (JESUS, 2016, p. 26)

Quarto de despejo continua sendo atual e importante para atuais estudos, embora nas últimas décadas tenhamos avançado nas áreas social, política, e econômica, ainda temos enormes desigualdades sociais e grande abismo cultural no que diz respeito as classes médias e baixas. Jesus (2016, p. 33), usa de metáfora para sua descrição de onde fica localizada sua moradia na cidade de São Paulo

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

Ou ainda como escreve Jesus (2016, p. 34), sobre a localidade de onde vive: “...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”.

Seu testemunho de vida condenada à miséria promove reflexões sobre os fenômenos do vivido. Vida de quem vive em território de favela, esse é um testemunho de sofrimento na vida condenada de Carolina Maria de Jesus, em que a fome tem cor – amarela. Como comprova, escrevendo em seu diário no dia 16 de maio:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo essa vida? O que posso esperar do futuro? [...] Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (2016, p. 13).

Audálio Dantas, jornalista que descobriu Carolina Maria de Jesus e ajudou na organização e publicação dessa obra, faz menção à condição de fome recorrente na vida da autora, escrevendo no prefácio:

Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite suportável. Carolina viu a cor da fome – amarela. (JESUS, 2016, p. 7).

A obra que elegemos, *Quarto de despejo*, foi composta por fragmentos compilados de seus diários, no total de vinte cadernos, em 1955, escrito aos 45 anos de idade. Para seu manuscrito usou cadernos velhos, agulha e linha para unir os papéis achados e coletados no lixo. Sua obra em forma de diário, menciona o dia a dia experienciado por ela como moradora do quarto de despejo que se dirige até a sala de estar para apanhar o que sobra para vender. Disserta sua rotina diária registrando com detalhes que traduzem uma vida de sofrimento e luta para sobreviver à fome, como a que se segue:

... Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é terrível ter só ar dentro do estômago. [...] Pense: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. (JESUS, 2016, p. 49)

Mãe solteira de três filhos e desempregada, precisava garimpar no lixo papéis, papelões e ferros para vender e assim, alimentar sua família. É preciso, portanto, refletir sobre quais ferramentas puderam promover o empoderamento dessa mulher negra, considerando os marcadores sociais de sua existência e levando em conta as desvantagens sociais presentes em toda sua trajetória de vida. A narrativa de Carolina Maria de Jesus ilustra os diferentes modos de opressões quanto ao gênero, raça e classe que estruturam a sociedade de sua época. Descrevemos os tipos de opressões que compõem a sociedade, que se ajustam e se cruzam continuamente.

A autora tem uma narrativa simples e clara, exemplificando sua vivência e experiências na luta por ascensão da mulher negra favelada na sua condição de mãe solteira de três filhos, vivendo nas décadas de 50 e 60 – e que em pouco difere da situação contemporânea. Isso nos comprova a introdução da obra escrita pelo jornalista Audálio Dantas, que selecionou para a edição do texto, o conteúdo dos vinte cadernos escritos por Carolina, comentando: “Assim, Quarto de despejo não é um livro de ontem, é de hoje. Sua contundente atualidade é dramaticamente demonstrada pelos arrastões que invadiram em 92 as praias da zona sul do Rio de Janeiro. Os quartos de despejo, multiplicados, estão transbordando.”

Sobre a Interseccionalidade

Como instrumento para auxiliar na análise de nosso trabalho optamos pelo estudo da interseccionalidade, termo criado pela professora cientista das áreas de raça e gênero Kimberlé Crenshaw, em 1989, teórica feminista dos Estados Unidos. Sua teoria interseccional teve

origem ao tomar conhecimento da história de uma mulher negra, impossibilitada de processar uma empresa por dois tipos de discriminação, o de ser mulher e negra. A partir do surgimento da palavra interseccionalidade, deu-se a necessidade de determinar a expressão para evidenciar, além dela, o contorno e entorno da identidade e da violência contra a mulher de cor. Possibilitou-se daí, relatar a posição interseccional da mulher negra e sua marginalização estrutural.

Partindo do desempenho de papéis mulher negra favelada de mulher negra escritora que refletimos Carolina Maria de Jesus em sua forma de relacionar consigo mesma vai sofrendo alterações com as experiências de si mesma com os outros enquanto mulher negra catadora de reciclado e ou enquanto mulher negra e mãe, redesenhando sua subjetividade em meio aos que estão em seu convívio a cada cena descrita no diário, vivido na favela.

À vista do exposto acima, baseada em nossos achados podemos dissertar que a aplicação da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (1989), destina-se a promover a igualdade. Apontando para um modelo em que se entende que os eixos da opressão, da discriminação e da exclusão são inter-relacionados e mutuamente co-constituídos. Da mesma forma não podemos ignorar que todas as marcas de opressão têm posições relacionais e, portanto, uma marca de exclusão – por exemplo, gênero – também pode tornar-se um espaço não marcado onde outra forma de discriminação se desenvolve - por exemplo tornando-se no espaço de se mostrar atitudes racista ou xenófoba.

No Brasil, temos precursoras e como referência ao tema iniciamos por citar Carla Akotirene (2019), enunciando que a interseccionalidade

[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (recurso on-line).

Na obra *Quarto de despejo* fica evidente esses entrecruzamentos e sobreposições de marcadores sociais na vida cotidiana da autora. Ao narrar dia a dia cenas de sua lida para sobreviver na favela e prover o mínimo necessário para sua sobrevivência e de seus três filhos – Vera, João e José Carlos, desse modo é imprescindível que Carolina Maria de Jesus se veja em situação de opressão. A cada dia datado com organização, de 15 de julho de 1955 a primeiro de janeiro de 1960, com alguns saltos de dias e ou meses, a autora se descortina narrando cotidianamente seu sofrimento na conjuntura da favela.

Além de lutar cotidianamente contra a fome, Carolina pelega com a condição de preservar a si e seus filhos de não deixar as atitudes inapropriadas da favela contaminar sua família. Cenas constantes de desentendimentos entre casais na frente dos filhos; brigas entre os vizinhos influenciados pelo consumo de cachaça; a dificuldade em cuidar dos filhos e ter que trabalhar – um trabalho que lhe causa embaraço e extrema fadiga. Tudo isso permeado por acontecimentos reflexivos sobre situações políticas, sociais e de mundo.

Faz-se importante portanto, esclarecer o conceito de Interseccionalidade e para tal, chamamos, para auxiliar na estruturação de nossa sustentação teórica, a mesma autora – Carla Akotirene (2019), trazendo sua contribuição argumentativa da interseccionalidade

[...] como forma de abarcar as vivências e intersecções a que está submetida uma pessoa, em especial, a mulher negra. O termo define um posicionamento do feminismo negro frente às opressões da nossa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia, desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico com voz única.

Na obra de Collins e Bilge (2021), Winnie Bueno faz uma apresentação inicial da obra sobre a interseccionalidade escrevendo a respeito da contribuição teórico crítica para os métodos de pesquisa, enquanto ferramenta de análise e ou vertente do feminismo, complementado que

Na verdade, a interseccionalidade é uma importante ferramenta analítica oriunda de uma práxis crítica em que raça, gênero, sexualidade, capacidade física, *status* de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são construtos mútuos que moldam diversos fenômenos sociais.

Enfatizando o uso e a aplicação nos textos acadêmicos objetivando o fortalecimento dos debates políticos e teóricos na inspiração e busca pela emancipação e justiça social.

O que podemos verificar no conteúdo da obra de Carolina Maria de Jesus é um trabalho intelectual de ação autobiográfica, de um sujeito/mulher epistêmico pela forma na qual desenvolve sua narrativa. Sua escrita tem origem na descoberta do conhecimento adquirido, em princípios como a crença, a verdade e a justificativa, na busca de sua objetivação. Carolina Maria de Jesus demonstra que viver na favela não fez com que a autora se corrompesse nem que tivesse seus princípios abalados, conseguindo conservar retidão de caráter, pois trazia nos livros e no gosto pela escrita o seu abrigo favorito. Importante citar a pretensão de Carolina Maria de Jesus (2016, p. 30), com sua escrita: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.”, respondendo ao senhor Gino que a convida a ir visita-lo em seu quarto.

A trajetória de Carolina contradiz a máxima de que o meio é que determina o homem, isso ocorre somente quando não se tem uma formação – referências que levem a um caminho oposto ao da falta de caráter, mas ao caminho da moral e dos bons costumes. Teve dos livros que leu e de sua mãe, a estrutura de caráter crítico e ajuizado suficiente para não se deixar contaminar pelos comportamentos das pessoas que moravam na favela e que ela descreve evidenciando embriaguez, promiscuidade, violência, discórdia e inveja. Pelo contrário, muitas vezes tentava corrigir injustiças presenciadas, separava brigas entre seus vizinhos e ainda dividia o pouco que tinha com aqueles que lhe mostravam amizade.

A autora enfatiza no texto, que teve de sua mãe a boa influência em suas atitudes dos ensinamentos recebidos, narrando que

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. (JESUS, 1960, p. 43-44),

Nessa exposição Jesus (1960/2016), esclarece-nos o que Collins e Bilge (2021, posição no Kindle, 20), cita sobre a importância das experiências individuais para a vida, mostrando que a interseccionalidade analisa como “[...] as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana.”. O que está imbricado nessa obra que nos faz refletir sobre quais os conflitos de saberes e poderes estão envolvidos na subjetividade de gênero, que envolve a protagonista Carolina? Questionamos ainda quais associações de resistências de inúmeros saberes estão implicadas para a subjetivação dessa mulher negra protagonista? Faz-se necessário considerar (sobre) os modelos de subjetivação na construção de gênero da autora.

Resgatando nosso estudo no prólogo da obra de Nietzsche (1998, p. 01), *Genealogia da moral* que cito: “Nós que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia? Com razão alguém disse: ‘onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração’ ”. Fazendo-nos refletir sobre o bom e o mau na

condição da autora Carolina Maria de Jesus, favelada, que traz consigo toda carga de negatividade preconceituosa de mulher, negra e moradora de favela – local em que se habita a escória ou como ela mesma escreve o “zé povinho”.

Carolina se vê, muitas vezes, em situações de ser e ou estar boa – como amiga solidária apartando as brigas entre os vizinhos ou na condição de ser ou estar má, quando a briga de vizinho é com ela e ou com algum de seus filhos. Sobre essa condição, lemos o filósofo Nietzsche (1998) no prólogo de sua obra nos provoca reflexão sobre quais circunstâncias o homem idealizou o julgamento desses valores o bem e o mau? Qual ou quais são as relações de vida prática para classificar alguém de bom ou mau? Qual a origem das nossas ideias sobre o Bem e o Mau? Como escreve Carolina em seu diário o dia 28 de julho de 1955 – Após descobrir que uma vizinha havia posto fogo nos seus cinco sacos de papel para a coleta de seus papéis recicláveis:

Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. Resolvi retirar com nojo delas. Aliás já haviam dito-me que eles são uns portugueses malvados. Que a D. Elvira nunca fez um favor a ninguém. Para eu ficar prevenida. Não estou ressentida. Já estou habituada com a maldade humana. Sei que os sacos vão me fazer falta.” (JESUS, 2016, p. 30)

Tais questionamentos para pensar as atitudes não só dos vizinhos moradores da favela, mas também das pessoas e suas atitudes, que passavam por Carolina na rua, vendo-a carregar o peso do saco de sua coleta na cabeça e o de sua filha nos braços e de quando caía de fome na rua – mulher negra favelada. Quem é bom e quem é mau?...

Citando Collins e Bilge (2021), “a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”. (posição no Kindle, 20). Diante da citação trazemos um fragmento do prólogo da obra de Nietzsche (1998, p.1), para pensar Carolina quando vislumbra uma saída para sobreviver à fome na vida de favelada – escrever em seu diário e publicar suas obras:

“o que é que em realidade vivemos?, e também!” Quem somos nós realmente? [...] Necessariamente permanecemos estranhos a nós mesmos, não nos entendemos, temos que nos confundir com outros, e em nós servirá sempre a frase que disse “cada um é para si mesmo o mais distante” continuamos a nos considerar “homens do conhecimento”.

Convidamos Foucault (2010, p. 29), para apoiar nossa inferência sobre a subjetivação de si da autora Carolina Maria de Jesus acerca da relação do corpo e poder em o corpo dos condenados, na obra vigiar e punir: “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.”. Ilustramos essa condição de corpo produtivo e corpo submisso na obra de Jesus (2016), pois em sua condição de catadora de reciclado (do lixo), devia demonstrar força e resistência para carregar o fardo diário que seu labor exigia. Foucault, o filósofo nos diz ainda sobre o corpo estar inserido em um campo político que “[...] as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; investem, o marcam, o dirigem, suplicam-no a trabalhos, obrigam-nos a cerimônias, exigem-lhe sinais.”. Motivo pelo qual ilustramos aqui uma narrativa de Jesus (2016, p. 23):

Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso de Vera Eunice nos

braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.

Enquanto em pensamento deseja publicar e vender seus livros e assim conseguir dinheiro para a compra de uma casa de tijolos e cair numa cama limpa para descansar seu corpo extenuado: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. [...]. Já habituei-me a andar suja.”. Seu sonho é mudar da favela: “O desgosto que tenho é residir em favela.” (JESUS, 2016, p. 23)

A relação de poder de Carolina se dá pela capacidade reconhecida por sua comunidade de estar escrevendo um livro e de contar as façanhas de seus vizinhos. Como escreve no diário, ao responder a um senhor que passa e a vê sentada dedicando-se a alimentar o sonho de escritora: “- O que escreve? – Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.” (JESUS, 2016, p. 24). E mais adiante sobre morar na favela, escreve: “- Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão, que estou no inferno.” (JESUS, 2016, p. 26).

Essa era sua subjetivação, a arma de que dispunha para se defender daqueles que tentavam lhe fazer algum mal, pois era mãe solteira, ou seja, não tinha um homem que a defendesse, como era de costume na favela, ao escrever no dia 20 de julho:

Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição da mulher sozinha sem um homem no lar. [...] Aqui todas impricam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. [...]. (JESUS, 2016, p. 23)

Para Collins e Bilge (2021, p. 259), exercitar o emprego da interseccionalidade como ferramenta analítica na questão da identidade além de promover compreensão, tem grande importância no que concerne a forma de “[...] investigação e práxis críticas – é o caso, por exemplo, das negras brasileiras que politizaram a identidade negra feminina em uma sociedade que desvalorizam ambas as coisas”.

Collins (2019, p. 15), no livro *Pensamento feminista negro*, escreve no prefácio à edição brasileira que sua obra é “[...] sobre mulheres negras comuns que, por meio de suas ideias e ações, visam melhorar sua vida cotidiana. Enfatiza a importância de as mulheres negras requererem o seu “[...] lugar de direito como seres plenamente humanos.” O que identificamos ser essa a ideia pleiteada por Carolina Maria de Jesus como mulher negra favelada, nas atitudes de esmero para com a educação de seus filhos e do amor que a eles demonstrava. A narrativa de Collins (2019), recontando histórias de mulheres negras estadunidenses, conduz sua narrativa também, para além delas. Esclarece sobre a importância de o leitor associar e refletir a mensagem que passa com suas experiências de vida para a ressignificação de si.

Citando Collins (2019, p. 17), sobre a importância de as mulheres negras contarem suas histórias aqui, correlacionando com a obra de Carolina Maria de Jesus – *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), destaco em citação: “Precisamos de mais livros que contem a verdade das pessoas que foram reprimidas, mas cuja dignidade, ainda assim, permanece intacta.”. A obra de Jesus (1960, p. 13), ilustra o que Collins sugere sobre a desconstrução de um conceito dominante de intelectual, que independe da escolarização formal e rebuscada de autorias de intelectuais de grupos dominantes. Mas opta por uma escrita na primeira pessoa e de fácil compreensão, justificando sua intenção: “[...] queria escrever um livro que minha mãe pudesse ter lido. Isso talvez tivesse tornado a vida dela um pouco mais fácil.”.

Entendemos, portanto, que não é possível propor análises que percebam questões de gênero e raça como elementos separados de etnia, sexualidade, classe social, idade, religião ou nível de escolaridade, etc. de uma pessoa. São todos elementos que estão configurando posições de privilégio e exclusão em cada caso/situação de vida, aqui exemplificado pela de nossa autora

Carolina Maria de Jesus, e que é imperioso analisar sua complexidade. Tal exercício é o que nos propusemos fazer nesse estudo.

O enredo apresentado no diário de Carolina Maria de Jesus (1960/2016), embora ocorrido nas décadas de 50 e 60, em muito retrata tanto tempos remotos quanto a contemporaneidade. Para melhor contextualizar a saga da mulher negra, vale mencionar a similaridade em sofrimento e luta por dias melhores, com o discurso também de uma mulher negra escravizada estadunidense, Sojourner Truth, que teve oportunidade de improviso, discursar na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em 1851, em Akron. Discurso esse também citado por Carla Akotirene (2019), enfatiza, denunciando de forma encadeada as questões de raça, gênero e classe numa narrativa comovente e que aqui vale citá-lo:

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e que têm que ser erguidas para passarem sobre as poças, e terem os melhores assentos em qualquer lugar. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama e nem me deu o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Tenho arado e ceifado, e nenhum homem poderia me superar! E eu não sou uma mulher? Eu posso trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando consigo comida - e também aguentar o chicote! E eu não sou uma mulher? Eu carreguei treze filhos, e vi a maioria ser vendida como escravo, e quando chorei minha tristeza de mãe, só tinha Jesus para me ouvir. E eu não sou uma mulher? (TRUTH; GILBERT, 2020, p. 15).

Hill (2019) sustenta, em sua obra, a importância da experiência do vivido sem desprezar a necessidade de se examinar as estruturas de poder em que se apoiam as sociedades contemporâneas. Como resultado das opressões interseccionais existentes na sociedade cujos domínios coexistem a nível de poder estrutural, interpessoal, hegemônico e disciplinar.

Pelos motivos que se apresentam no exposto acima, pontuamos a importância de analisar a diversidade de experiências de discriminação em mulheres negras e pobres (faveladas), precisamos de uma perspectiva integradora que dê conta de sua complexidade, destacando a relacionalidade enormemente material em que essas formas de discriminação, que claramente identificamos na obra de Carolina Maria de Jesus (1960/2016), são constituídas, consolidadas e exercidas.

Relato defrontar-me com dificuldades em sintetizar tal debate para apresentá-lo com a intenção de empreender material sucinto e despretensioso para aqueles que, como eu buscam se inteirar dessa discussão.

INTERSECCIONALIDAD EN LA NARRATIVA DE LA SALA DE DESALOJOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

RESUMEM: El objetivo de este trabajo es reflejar la obra de Carolina María de Jesús Quarto de despejo - diario de una favelada, desde la perspectiva de la interseccionalidad de raza y género como articuladores del empoderamiento y subjetivación del protagonista. Analice bajo la prensa interseccional, estos marcadores también como categorías. Buscando la apropiación e instrumentalización de la escritura feminista de las mujeres negras brasileñas, despertando en el lector el interés y la profundización investigativa del tema. La autora es protagonista de sus vivencias, brindando oportunidades para su subjetivación en el contexto de las relaciones sociales, a partir de los constantes procesos de restauración de su construcción identitaria de raza y género.

Palavras chave: Carolina María de Jesús. Interseccionalidad. Raza. Género. Subjetivación.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade* (Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2019. EBook Kindle.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Tradução Regina Silva. São Paulo: UBU, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021. Ebook Kindle.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAUT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhete. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. Organização e tradução Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

TRUTH, Sojourner; GILBERT, Olive. *E eu não sou uma mulher?: a narrativa de Sojourner*. Tradução Carla Cardoso. Rio de Janeiro: Imã, 2020. eBook Kindle.

Data de submissão: 19/08/2023

Data de aceite: 23/11/2023